

ARMANDO LUCAS CORREA

Autor do bestseller internacional *A Rapariga Alemã*

A FILHA ESQUECIDA

Baseado
em factos
reais sobre o
horror nazi

«Um relato envolvente sobre a tragédia da Segunda Guerra Mundial,
sobre o poder do amor e os sacrifícios de uma mãe
para salvar os filhos.»

TOP
SEL
LER

BookPage

*Para a Judith, a menina perdida no Saint Louis.
Para a minha mãe, a minha primeira leitora.
Para os meus filhos, Emma, Anna e Lucas, uma vez mais.
Para o Gonzalo, sempre.*

«A meta é o esquecimento. Eu cheguei primeiro.»

JORGE LUIS BORGES



A Visita

Nova Iorque, abril de 2015

1

— **F**ala a Sra. Duval? Elise Duval? — A voz ao telefone repetia o seu nome, enquanto ela permanecia em silêncio. — Estivemos recentemente em Cuba. Eu e a minha filha temos umas cartas em alemão que lhe pertencem.

Elise fora sempre capaz de prever o futuro. Mas hoje não. Este dia ela nunca poderia ter previsto.

Pensou, por um momento, que a chamada podia ser engano. Afinal de contas, ela era francesa, e vivia em Nova Iorque há cerca de 70 anos, desde que o tio do lado da mãe a adotara, no final da guerra. Agora os seus únicos familiares vivos eram a filha, Adele, e o neto, Etienne. Eram o seu mundo inteiro, e tudo o que viera antes estava envolto pelas trevas.

— Sra. Duval? — voltou a dizer aquela voz de mulher, amável, mas insistente.

Assustada, Elise procurou onde se apoiar, temendo desmaiar.

— Pode vir ter comigo esta tarde. — Foi tudo o que conseguiu dizer antes de desligar, esquecendo-se de verificar primeiro se tinha alguma coisa marcada, ou se devia consultar a filha. Ouviu o nome da mulher, Ida Rosen, e o da filha, Anna, mas não se lembrava de nada, uma memória encerrada no passado. Apenas tinha a certeza de não ter qualquer desejo de verificar as credenciais daquela desconhecida ou da sua filha. Não havia necessidade

de lhes dar a morada, uma vez que já a tinham. O telefonema não fora engano. Era tudo o que sabia.

Elise passou as horas seguintes a tentar imaginar o que podia estar por detrás daquela breve conversa. *Rosen*, repetiu para consigo, enquanto esquadrihava por entre as sombras daqueles que tinham atravessado consigo o Atlântico depois da guerra.

Volvidas poucas horas, a chamada já começava a desvanecer-se na sua limitada, seletiva memória.

— Não há tempo para recordar — costumava dizer ao marido, depois à filha e agora ao neto.

Sentiu-se um pouco culpada por ter concordado tão prontamente em receber aquela desconhecida. Devia ter perguntado quem escrevera as cartas, porque tinham ido parar a Cuba, o que estavam a Sra. Rosen e a filha a fazer por lá. Em vez disso, não dissera nada.

Quando por fim soou a campainha, foi como se o coração lhe tivesse saltado do peito. Tentou fechar os olhos e preparar-se, respirando fundo e contando os batimentos cardíacos: um, dois, três, quatro, cinco, seis — um truque aprendido na infância, uma das suas poucas memórias claras. Não fazia ideia de quanto tempo passara no quarto, vestida com o seu fato azul-marinho, à espera.

Era como se os seus sentidos se tivessem de repente elevado ao som da campainha. A audição tornara-se mais nítida. Agora conseguia distinguir a respiração das duas desconhecidas que esperavam do outro lado da porta para ver uma cansada e velha viúva. Mas porquê? Deteve-se com a mão na fechadura, esperando, ainda que considerasse pouco provável, que a visita não fosse mais do que uma ilusão, algo que sonhara, uma entre várias fantasias desenvolvidas ao longo dos anos. Fechou os olhos e tentou imaginar o que iria acontecer, mas não lhe ocorreu nada.

Tornava-se-lhe claro que este encontro não se prendia com o futuro. Antes significava o regresso de um passado que já não poderia manter afastado, uma sombra constante desde o dia em que desembarcara no porto de Nova Iorque, quando a mão de um tio

que viria a tornar-se pai a salvou do esquecimento. Mas ele nunca poderia trazer as memórias de volta, removidas por necessidade, em nome da sobrevivência.

Abriu a porta com determinação. Um feixe de luz ofuscou-a. O barulho do elevador, um vizinho a descer as escadas, um cão a ladrar e o pranto de uma ambulância distraíram-na por um momento. O sorriso da mulher trouxe-a de volta à realidade.

Elise fez-lhes sinal para entrarem. Sem ainda ter dito uma palavra, evitou fazer o mais pequeno gesto que pudesse denunciar o pavor que sentia. A rapariga, Anna, que parecia ter 12 anos, aproximou-se e abraçou-se à sua cintura. Ela não fazia ideia de como responder. Talvez devesse ter deixado cair as mãos sobre os ombros da rapariga, ou ter-lhe acariciado o cabelo, tal como fazia à filha quando esta tinha mais ou menos a mesma idade.

— Tens olhos azuis — disse ela, com timidez.

Que coisa mais ridícula de se dizer! Devia ter dito que ela tinha uns olhos lindos, pensou Elise, tentando não dar conta que eram do mesmo azul, da mesma forma amendoada e caída que os seus, que o seu perfil... *Não,* disse para si própria, temerosa, pois era o seu reflexo que via na cara daquela rapariga desconhecida.

Elise fez o esforço de levar as duas para a sala. No momento em que lhes dizia para se sentarem, Anna entregou-lhe uma caixa de ébano, pequena e baça.

Elise abriu-a com cuidado. Ao terminar de desdobrar a primeira carta, escrita com tinta desbotada numa página de um álbum botânico, os seus olhos transbordavam de lágrimas.

— Isto pertence-me? — sussurrou, apertando o crucifixo que tinha ao pescoço, um amuleto que a acompanhava desde que tinha memória. — Os teus olhos — insistiu, olhando, angustiada, para Anna.

Elise tentou levantar-se, mas sentia-se a fraquejar. Perdia o controlo sobre si própria, sobre a vida que tão cuidadosamente construía. Consequia ver o seu rosto à distância, observando a cena de longe como uma outra testemunha na sala.

Tinha as palmas das mãos suadas e deixou cair a caixa, espalhando as cartas pela alcatifa. Entre as amarelecidas folhas de papel encontrava-se uma fotografia de uma família com duas meninas de ar assustado. Elise viu-se a fechar os olhos, e uma dor lancinante no peito roubou-lhe o equilíbrio. Ao desabar na desbotada alcatifa, soube que, finalmente, estava a acontecer: o ato final de esquecimento.

Silêncio, paredes de silêncio rodeavam-na. Tentou recordar quantas vezes um coração pode parar e depois voltar a bater. Um... silêncio. Dois... uma outra e ainda mais longa pausa. Três... o vazio. O silêncio entre um batimento e o seguinte isolou-a do mundo. Queria ouvir mais um. Quatro. E outro. Respirou o mais fundo que conseguiu. Cinco... só mais um e ficaria segura. Silêncio. Seis!

— Elise! — O grito fê-la remexer-se. — Elise!

Aquele nome, aquele nome. Elise. Não era ela, pois ela não era ninguém. Não existia, nunca havia existido. Vivera uma vida que não lhe pertencia, criara uma família que enganara, falava uma língua que não era a sua. Tantos anos passados a fugir de quem realmente era. Com que finalidade? Era uma sobrevivente, e isso não era nem um equívoco, nem um mal-entendido.

Quando os paramédicos a colocaram na maca, já se esquecera da outra mulher e da sua filha de olhos azuis, já se esquecera das cartas escritas numa língua estrangeira, da fotografia.

No entanto, no lugar do esquecimento emergiu uma memória. Era ela, na infância, a tentar encontrar o seu caminho através de uma floresta cerrada, rodeada de árvores enormes que lhe tapavam a vista do céu. Como poderia saber para onde ia se não conseguia ver as estrelas? Tinha sangue na cara, nas mãos, no vestido, mas não era seu. Havia um corpo sem vida no chão, uma imundície de sangue. Nenhuma mão amiga para a apoiar. Conseguia sentir o ar denso e húmido, ouvir a sua voz infantil balbuciar «Mamã! Mamã!». Estava perdida, abandonada na escuridão.

Naquele nevoeiro de memórias baralhadas ela viu tudo: as cartas, a caixa de ébano, o guarda-joias roxo, uma velha bola de futebol, um soldado ferido. Flores murchas e linhas turvas.

Fora preciso aquela menina, Anna, para Elise descobrir quem realmente era, deixando cair a máscara que usava há sete décadas. Agora o passado recompensava-a com esta última e inesperada visita, com a imagem de uma caligrafia nas páginas de um livro familiar, um livro não importante pelo que dizia, mas pelas horas que ela passara a traçar as cartas e as flores que estiveram consigo em todos os dias da sua infância.

— *Hydrocharis morsus-ranae* — sussurrou.

Sentiu-se a flutuar livremente como uma daquelas plantas aquáticas de flores tingidas de amarelo. Estava delirante, mas, se conseguia lembrar-se, tal significava que ainda estava viva. Era hora de se permitir morrer, mas primeiro tinha de fazer alguma coisa a respeito das páginas rasgadas do livro mutilado.

Ainda assim, o mal estava feito; não tinha o direito de pedir perdão. Fechou os olhos e contou os batimentos cardíacos. Os silêncios entre cada um ajudaram a manter o medo ao largo. *Quem lhe ensinara a fazer aquilo?*

— Pronta! — ouviu ela.

Sentiu um peso no seu peito esmagado. O primeiro eletrochoque deu azo a um género de palpitações que nunca antes sentira. Disse para si mesma que não os ia deixar reanimá-la. Não queria viver. Na infância tinham-na posto num enorme transatlântico, e nunca se atrevera a olhar para trás. Não era agora que ia olhar para trás.

O segundo eletrochoque trouxe-lhe uma vivacidade renovada, obrigando-a a abrir os olhos. Brotavam-lhe lágrimas dos olhos, fora do seu controlo. Não sabia dizer se estava viva ou não, e isso fê-la chorar. Houve alguém que lhe pegou na mão e lhe afagou a testa com delicadeza.

— Mamã! — ouviu a voz chorosa da sua filha. Estava tão próxima que Elise não lhe conseguia distinguir as feições.

Seria porventura capaz de encontrar as palavras para explicar a Adele, a sua única filha, que a criara na base de uma mentira?

— Elise, como é que se sente? Lamento muito... — Ida também lá estava, evidentemente consternada pelo efeito produzido pela sua visita.

Adele manteve-se em silêncio. Não conseguia perceber o que aquela desconhecida e a sua filha faziam ali no hospital com a sua mãe, uma velha às portas da morte.

Elise ouviu-se a si mesma, numa língua que já não reconhecia, a balbuciar uma frase que parecia vir do além:

— *Mama, verlass mich nicht* — «Não me abandones, mamã.»

Um... silêncio, dois... silêncio, três... silêncio, quatro, cinco... respirou fundo, à espera do próximo batimento cardíaco.

Verão de 1939

Minha pequena Viera,

Passaram apenas algumas horas, mas a tua mamã sente tremendamente a tua falta. As horas são dias, semanas, meses para mim, mas consola-me saber que ainda me ouvirás à noite, nas tuas noites, que para mim são manhãs, quando te canto ao ouvido e te leio o teu álbum botânico preferido.

És como aquelas flores que têm de aprender a sobreviver numa ilha, em terra húmida e sob um sol abrasador. Precisas de luz para crescer, e haverá muita por aí. Será lancinante, mas não tenhas medo, pois tenho a certeza de que crescerás e te tornarás mais forte a cada hora.

A tua irmã tem saudades tuas. Quando vamos para a cama, pede-me que lhe conte histórias sobre ti e sobre aqueles dias felizes em que éramos uma família. Sê forte, fica ao sol e cresce para que, quando nos voltarmos a encontrar, porque isso vai certamente acontecer, possas correr para nós e abraçar-nos, tal como fizemos no porto ao pé daquele enorme navio.

Minha Viera, lembra-te de que a tua mãe, ainda que esteja tão longe, está a olhar por ti. Quando tiveres medo, conta os teus batimentos para te acalmares, tal como o papá te ensinou. A tua irmã agora também é especialista nisso. Lembra-te: primeiro são rápidos, mas, assim que comesças a contá-los, descobres o silêncio entre cada um deles. O medo vai-se embora à medida que o espaço entre eles cresce. Nunca te esqueças disso, minha querida.

Às sextas-feiras, acende duas velas, fecha os olhos e pensa em nós. Estamos contigo.

*Com amor,
Mamã*



A Fuga
Berlim, 1933–1939

2

Amanda Sternberg sempre tivera pavor de vir a encontrar o seu fim pelo fogo, por isso, de certo modo, não lhe era assim tão surpreendente que os seus livros encontrassem o mesmo destino.

A associação de estudantes já lhe deixara um panfleto de aviso com as *Doze Teses* na sua pequena livraria em Charlottenburg. Tinha, portanto, de começar a limpeza, desde a montra aos recantos mais profundos da arrecadação. Era suposto que se livrasse de todos os livros que pudessem ser considerados ofensivos, antipatriotas ou não alemães o suficiente. O objetivo desta paródia às teses de Lutero era a eliminação de todo o judaísmo do mundo impresso, e tinha alcançado todos os donos das livrarias do país. Amanda tinha a certeza de que apenas um pequeno número dos seus tomos sobreviveria. Passara tantos anos entre pergaminhos, manuscritos, tomos com capas de couro e ilustrações desenhadas à mão, histórias de duelos, amantes secretos, pactos diabólicos e loucos perturbados. Constituíam o seu próprio passado e o da sua família, o amor do seu pai, a arte de escribas antigos: seria tudo reduzido a cinzas. *Um ato de purificação verdadeiramente wagneriano*, disse para consigo.

Ainda se agarrava a uma esperança desesperada de que a fachada de uma loja com o letreiro «JARDIM DAS LETRAS»

pudesse passar despercebida. Se exibisse pureza alemã na montra e escondesse os livros de que mais gostava na área privada, talvez a deixassem em paz. As nuvens também estavam do seu lado: várias semanas de chuva atrasaram a ofensiva de fogueiras de livros.

Apesar da esperança, não podia colocar a família em risco, pelo que decidiu dar por fim início à cruel tarefa. Mas primeiro deitou-se ao lado de uma das estantes, descansando a cabeça no soalho quente. Enquanto olhava para o teto cheio de teias de aranha, permitiu que a sua mente vagueasse por entre as rachas e as camadas de humidade, cada qual com a sua história para contar, tal como os volumes de um livro. Quem o teria levado, por que motivo o comprara, quão difícil teria sido fazer com que a remessa fosse aceite naquela cidade obcecada em julgar cada ideia, cada metáfora, cada analogia, e a necessidade de encontrar um culpado para lançar à fogueira no meio de uma praça a vibrar de aplausos e cantatas. Na fogueira infinita que previa, não sobreviveria um único livro, pois até nos mais germânicos, nacionalistas, nos mais puros deles todos, se podiam encontrar inúmeras ambiguidades. Ela sabia bem que, independentemente de como o autor molda as suas personagens, independentemente das palavras que escolhe, é sempre o leitor quem detém o poder da interpretação.

— Afinal, a fragrância dos livros, até do outono, depende do nosso olfato — murmurou para si, tentando nadar entre soluções possíveis, nenhuma das quais mostrando-se viável.

Suspirou e levou as mãos à barriga, que em breve começaria a inchar. O tinido da campainha da porta despertou-a da letargia. Ao virar a cabeça para trás, reconheceu a silhueta: apenas Julius vinha à livraria àquela hora do dia.

O homem ajoelhou-se atrás da sua cabeça. As suas grandes e quentes mãos cobriram-lhe as orelhas enquanto a beijava, primeiro na testa, depois na ponta do nariz, acabando nos seus lábios. Ela ficava sempre radiante quando via Julius a atravessar a soleira da livraria no seu sobretudo cinzento e com uma pasta de cabedal gretada na mão.

— Como têm passado as minhas queridas? — perguntou a profunda e gentil voz de Julius Sternberg. — Com que sonhavas? — Amanda queria contar-lhe que fantasiava sobre a sua livraria cheia de clientes ansiosos por comprar os livros mais recentes, sobre uma cidade sem soldados, apenas com o ruído distante de automóveis e elétricos, mas ele voltou a falar antes que ela pudesse dizer fosse o que fosse. — Estamos a ficar sem tempo — disse ele. — Tens de te livrar dos livros. — O seu tom fê-la estremecer, e ela respondeu com olhos suplicantes. — Vamos para cima, agora, querida. Eu e o teu bebé temos fome. — Foi tudo o que ele disse.



A sala de estar era uma espécie de jardim orlado por uma parede de literatura. Cortinas de brocado com padrões florais, tapeçarias que exibiam cenários bucólicos, carpetes tão grossas como relva acabada de cortar, e cada superfície livre ocupada por livros.

Ao jantar, Amanda fez conversa de ocasião para que Julius não voltasse ao assunto mais premente. Disse-lhe que vendera uma enciclopédia, que alguém encomendara uma coleção de clássicos gregos, que Fräulein Hilde Krahmer, a sua cliente predileta, já não aparecia na livraria há cerca de uma semana, enquanto antes aparecia depois de dar as suas aulas e passava horas a dar uma vista de olhos às prateleiras, apesar de nunca comprar um único livro.

— Bem cedo pela manhã, esvazia a montra — exigiu Julius. Quando percebeu que a sua voz severa a fez contrair-se, foi ao seu encontro e puxou-a para si por um momento. Encostou a cabeça ao peito dela e inspirou o perfume do cabelo acabado de lavar da mulher.

— Não te fargas de ouvir corações? — perguntou Amanda, esboçando um sorriso.

Depois de lhe fazer sinal para se calar, Julius ajoelhou-se para encostar o ouvido à barriga dela e retorquiu:

— Também ouço o dela. Vamos ter uma filha, tenho a certeza, com um coração tão bom como o da mãe.

Desde os seus tempos de escola em Leipzig que Julius tinha um fascínio pelo coração: os seus ritmos irregulares, os seus impulsos elétricos, os seus batimentos e silêncios alternantes.

«Não existe nada mais forte» — dissera-lhe, eram eles recém-casados e ele ainda estava na universidade, acrescentando sempre uma advertência. «O coração pode resistir a todo o tipo de trauma físico, mas a tristeza pode destruí-lo num ápice. Por isso, não há cá tristeza nesta casa!»

Esperaram que ele estabelecesse o seu consultório antes de terem filhos. Amanda ia com ele ao seu escritório para experimentar o eletrocardiógrafo recentemente adquirido durante uma viagem a Paris. Era uma grande novidade em Charlottenburg, parecendo a Amanda uma versão complicada da máquina de costura *Singer* que tinha no sótão.

Nessa noite, na cama, animado pela ideia de que a sua filha crescia dentro de Amanda, Julius descreveu-lhe com entusiasmo as fases dos batimentos cardíacos.

— Um coração em diástole — explicou-lhe, com ela deitada nos seus braços — está a descansar.

Ele prosseguiu, e Amanda, confusa com a terminologia, não demorou a adormecer no peito do homem que a protegia a si e ao bebé do horror que fermentava entre os vizinhos, a cidade, o país inteiro, e, aparentemente, o continente inteiro. Ela sabia que ele cuidava bem do seu coração, e isso bastava para a fazer sentir-se segura.



Amanda acordou sobressaltada a meio da noite, saindo do quarto em bicos de pés sem acender a luz de modo a não despertar Julius. Uma sensação estranha levou-a a uma das prateleiras na área privada, onde estavam guardados os livros que não se encontravam à venda.

A estante estava carregada de livros do poeta russo Mayakovsky, o preferido do seu irmão Abraham, que saíra da Alemanha há vários anos rumo a uma ilha caribenha. Também lá estavam, com as lombadas desgastadas, os livros de histórias que o pai outrora lhe lia ao deitar. Fez uma pausa para refletir sobre qual o livro que escolheria se pudesse guardar um. Não demorou muito a tomar a decisão: protegeria o álbum botânico francês, com as suas ilustrações desenhadas à mão de plantas e flores exóticas que o pai trouxera de uma viagem de trabalho às colónias. Ao pegar no volume cujo cheiro único a fazia recordar do pai, observou como as páginas começavam a ficar amareladas e como a tinta de alguns desenhos perdia a cor. Ainda se lembrava dos nomes exatos das plantas, tanto em latim como em francês, uma vez que, antes de adormecer, o pai costumava falar delas como se fossem almas abandonadas em terras longínquas.

Ao abrir o livro numa página ao acaso, parou para observar a *Chrysanthemum carinatum*. Fechou os olhos e ouviu a voz ressonante do pai a descrever a «planta originariamente de África, tricolor, com lígulas amarelas na base e capítulos tão compridos que nos encham de emoção.»

Levou o livro para o quarto e colocou-o debaixo da almofada. Só depois de o fazer é que conseguiu dormir em paz.

Na manhã seguinte, Julius acordou-a com um beijo no rosto. O aroma a cedro e almíscar do seu creme de barbear trouxe-lhe memórias da lua de mel no Mediterrâneo. Ela abraçou-o para o manter consigo, enterrando a cabeça no seu comprido e musculado pescoço, e murmurou:

— Tinhas razão. Vai ser menina. Sonhei com isso. E vamos chamar-lhe Viera.

— Bem-vinda, Viera Sternberg — disse Julius, envolvendo Amanda nos seus robustos braços.

Volvidos alguns minutos, quando correu para a janela para lhe dizer adeus, Amanda viu-o já na esquina da rua, cercado por um grupo de jovens usando braçadeiras com suásticas.

Mas ela não estava preocupada. Sabia que nada intimidava Julius. Nem murros, nem gritos, e muito menos insultos. Ele olhou para trás antes de dobrar a esquina e sorriu para ela. Foi o suficiente. Amanda agora estava pronta para esquadrinhar as estantes, tendo já escolhido o livro que salvaria da fogueira.



Quando desceu as escadas para abrir a porta da frente do Jardim das Letras, Frau Strasser já estava à porta como uma parede de tijolo. Amanda não sabia se essa impressão resultava do fato pesado que ela vestia, um gênero de uniforme militar com cinto que era a nova moda numa cidade onde a feminilidade e a elegância eram vistas com maus olhos, ou devido ao seu comportamento ameaçador. Frau Strasser fazia agora parte de um exército de mulheres que fingiam ser soldados, embora não tivessem nunca sido realmente chamadas às fileiras.

— Não vou permitir que livros repugnantes sejam vendidos nas minhas barbas — vociferou. — Teve sorte com aquela chuva toda, mas o seu estado de graça acabou.

Era verdade. Em maio, a livraria de Amanda sobrevivera à queima de mais de 20 mil livros em Opernplatz, arrastados como cadáveres em carrinhos de mão por estudantes universitários enfeitiçados que imaginavam que os seus futuros seriam feitos ateando a maior fogueira de livros alguma vez vista em Berlim.

Naquela escura noite de 10 de maio de 1933, todos escutaram através da rádio o discurso que selaria o futuro do que até esse momento tinha sido o seu país: «A época do extremo intelectualismo judaico chegou ao fim, e a revolução alemã abriu de novo o caminho para a verdadeira essência do que é ser alemão.»

Como é possível que um país sobreviva sem poetas e pensadores?, interrogara-se Amanda, sentada, perdida nos seus pensamentos, junto a Julius. A rádio começara a transmitir o hino da juventude nacional-socialista que se orgulhava de uma nova era.

Ainda que os dias chuvosos da primavera tardia os tivessem impedido de continuar com as queimas de livros pela cidade, agora estavam prontos para renovar os esforços, e a coleção de Amanda não seria poupada.

Frau Strasser ainda se encontrava à soleira da porta, mas Amanda não se deixava intimidar. Afagou a barriga, decidida a não deixar aquela corpulenta vizinha arruinar-lhe a felicidade com as suas fantasias militares. *Vou ser mãe*, disse para si, baixinho, mas Frau Strasser não arredava pé, de braços cruzados, desafiadora. Ao observá-la mais de perto, Amanda pensou que a única coisa humana a seu respeito eram os olhos. Além do seu exterior severo, era evidente pelo traje que não era uma das escolhidas: representava meramente o poder das massas, não o da elite; uma elite à qual ela prestava sem dúvida homenagem com uma adoração e uma submissão sem limites.

Depois de olhar Amanda fixamente nos olhos durante algum tempo, Frau Strasser saiu disparada, em silêncio. Amanda sabia que da próxima vez que ela aparecesse seria escoltada por membros da juventude nacional-socialista. Ela estava a tramar qualquer coisa.

Amanda permaneceu junto à estante na vitrine pronta a receber o seu veredito, sentindo-se como uma mãe a lançar os filhos ao esquecimento. Os bárbaros destruíram séculos de civilização, atacando a razão em nome de um suposto ideal de ordem, e pelo que afirmavam ser a perfeição. Foi incapaz de reprimir as lágrimas ao recordar o pai a organizar os livros por tema, percorrendo as lombadas com as mãos, soprando o pó que os cobria. Evocou os cheiros a tinta e cola, a amêndoa e baunilha, a couro seco e gretado dos livros antigos. E conseguia ouvir o pai a descrever como o papel se desintegrava, as substâncias que libertava, a falar sobre celulose e lignina, hidrólise ácida.

Esforçou-se o mais que pôde para evitar os nomes que tinha de enfrentar. *Porquê alguns e não outros?* Começou com Zweig, passou a Freud, London, Hemingway, Lewis, Keller, Remarque, Hugo,

Dostoievski, Brecht, Dreiser, Werfel, Brod, Joyce e Heine, poeta predileto do seu pai. Foi incapaz de reprimir as lágrimas, como se a pudessem salvar do infortúnio de ser o seu próprio patético censor. Começou a atirar livros ao chão, preparando-os para o pior.

A campainha da porta soou e um estudante universitário sardento com faces rosadas entrou na livraria. Tinha um ar tão alegre que até o seu uniforme castanho-torrado parecia amistoso. Ainda que tivesse noção, ela acenou-lhe como se fosse uma visita frequente, alguém que passava horas a observar capas de livros, ilustrações e textos.

— Onde está o proprietário? — perguntou ele, acentuando cada sílaba como que para reforçar o seu poder e superar a impressão da sua pequena estatura. Amanda permaneceu de cabeça fria. Explicou, com um sorriso, que ali só se encontrava ela, que se ele quisesse falar com um homem teria de esperar pelo marido. — Hoje é o último dia para se livrar do lixo que tem nas estantes! — ladrou o jovem, saindo depois da livraria, fechando a porta com força para a intimidar ainda mais, e dizendo, baixinho, «vermes imundos».

Por que razão haveria de escolher livros se eles já se tinham decidido? Chegara o momento de permitir que o seu Jardim das Letras definhasse e morresse. Não havia nada que pudesse fazer: a livraria seria abandonada à clemência dos carrascos.

O Sol estava no seu zénite quando ela deixou as estantes para trás, trancou a porta da livraria e avançou pelo bairro que já tinha dificuldade em reconhecer. *Hoje é o solstício de verão, o dia mais longo do ano*, pensou. *Vai começar o verão*.



Enquanto caminhava, reparou que os vizinhos se evitavam uns aos outros. Pareciam estar todos a sussurrar e a ouvir às escondidas. O caos da dúvida apoderava-se da capital alemã: era mais seguro escutar, pois falar acarretava riscos. De casa em casa, de janela em janela, as notícias na rádio, aquelas arengas em

louvor da pureza, haviam-se tornado a banda sonora diária da cidade: «A Alemanha para os alemães.»

Não sou eu também alemã?, queria perguntar.

Acabou por se encontrar em Fasanenstrasse. Dando conta que estava perto da sinagoga, atravessou para o outro lado da rua. Na esquina seguinte, ficou surpreendida por ver dalias no exterior de uma florista. Deliciou-se com aquele choque de cor no meio daquela cidade cinzenta, monótona e desprovida de vida.

Entrou na florista e perguntou pelas flores com mais rebentos, decidindo levá-las ao escritório do marido para o surpreender. A florista, uma mulher curvada com mãos como garras, começou a preparar o ramalhete.

— Só quero flores com tons diferentes de rosa — disse-lhe Amanda.

— São todas iguais. São dalias vermelhas — resmungou a florista. — O que se passa consigo? É cega? Se não gosta da maneira como faço isto, pode fazê-lo você mesma!

Depois de escolher algumas dalias cor-de-rosa francesas, persas e mexicanas, Amanda pagou rapidamente à florista e saiu da loja. Segurando o ramalhete com cuidado, saiu de Sybelstrasse e desceu a movimentada Kurfürstendamm, avançando depois para Pariser Strasse, que a levaria ao escritório de Julius. A cada minuto que passava, as cores das dalias tornavam-se mais intensas. As vulneráveis tonalidades rosadas defendiam-se do ambiente nocivo.

Ainda que estivesse tentada a perder-se na frágil beleza das dalias ou nos rostos das crianças que passavam, Amanda acordou para a realidade percebendo que ela e o marido eram os únicos que ainda não tinham fugido. Os primos estavam na Polónia. Os pais estavam mortos, os de ambos. O que lhes restava ali?

Ela e Julius tinham amigos em França: podiam arranjar uma passagem segura e deixar tudo para trás, começando de novo em Paris ou numa pequena vila qualquer. O marido até tinha pacientes que, se lhes pedisse, os poderiam recomendar no Departamento

da Palestina em Meinekestrasse. Mas Julius sentia que não podia abandonar os seus doentes cardíacos. Hoje em dia, chegavam para as consultas com uma suástica na lapela ou numa braçadeira. Julius fazia vista grossa àqueles símbolos que tanto atormentavam Amanda.

— Nada mudou — dir-lhe-ia. — Ainda são meus pacientes. Apenas lhes vejo os corações, não lhes leio as mentes.

Quando Amanda entrou no consultório, Fräulein Zimmer levantou a cabeça por trás de uma enorme secretária de mogno onde se amontoavam grossos ficheiros médicos. A sua expressão estava longe de ser acolhedora, pois sabia que, sempre que Amanda interrompia o doutor com uma das suas visitas surpresa, ele cancelava as consultas ou adiava aquelas que não eram urgentes.

Amanda sentou-se na sombria sala de espera, o mais perto possível da porta do consultório, esperando que abrisse a qualquer momento. Primeiro ouviu vozes e risos; depois lá saiu um homem alto, de cabelo grisalho, envergando um uniforme castanho-escuro com uma suástica a brilhar na lapela. Ao entrar na sala de espera, reparou em Amanda, que se levantou logo. Olhou para ela como se perguntasse por que razão uma bela jovem alemã precisava de uma consulta de coração.

Sempre que Amanda se sentia assim analisada, baixava o olhar, um gesto que alguns poderiam interpretar como submissão. Por trás deste homem imponente vinha um jovem à sua imagem, com as mesmas feições: olhos bem espaçados, nariz arrebitado, sobranceiras grossas e lábios quase inexistentes. O fato ficava-lhe tão folgado que se tornava impossível dizer se havia músculos ou apenas ossos sob aqueles enormes chumaços. Os olhos pareciam prestes a soltarem-se das órbitas, e os lábios eram de um roxo terroso.

Quando Julius a viu, passou por eles, deu-lhe um beijo e pôs o braço em seu redor.

— É a sua esposa? — perguntou o velho entroncado com um ar de surpresa. — Ela não parece... — A sua voz perdia intensidade.

O homem mais jovem fixou os olhos nela com uma expressão que parecia dizer «Porquê eu e não ela?»». Ele pertencia à raça superior; ela tentava esconder-se por trás de uma fachada ariana, mas era, evidentemente, apenas um ser inferior e desprezível. Por que razão tinha de ser ele, num momento em que a nação tanto precisava dele, a possuir um coração tão débil que mal bombeava sangue suficiente para lhe permitir respirar como deve ser?

Pai e filho partiram à pressa, dizendo adeus a Fräulein Zimmer.

Assim que Amanda saiu do consultório sob a asa de Julius, sentiu-se invencível. Estavam juntos; não precisavam de mais nada. Julius olhou para ela e sorriu. *O que seria a minha vida sem ti?*, pensou. Entraram em silêncio em Olivaer Platz, procurando refúgio numa esplanada com vista para as árvores do parque, à espera de que o Sol se pusesse. Julius pediu vinho e algo para comer.

— Hoje é o dia mais longo do ano — disse-lhe Amanda.

A vida corria-lhes bem. Em breve seriam pais, e o seu consultório prosperava. Ainda que o ano se tivesse tornado de mau agouro com a ascensão do Nacional-Socialismo, não lhes passava pela cabeça deixar para trás tudo o que haviam construído. *Porquê fugir e começar tudo de novo?*, pensou Julius. *Para onde?*

Foram para casa antes de tomar café, no momento em que o Sol se punha. Os passos de Amanda abrandaram ao aproximarem-se, como se estivesse relutante em chegar. *Vamos demorar mais tempo, vamos ficar aqui, para*, queria dizer. Julius acompanhava-lhe a passada em silêncio, pressentindo o que inquietava a esposa. Gangues de jovens corriam em várias direções naquela escuridão invasora; não se viam soldados ou polícias em lado nenhum.

Ao dobrarem a esquina, avistaram um tumulto no exterior do Jardim das Letras. Distinguiam, ao longe, Frau Strasser rodeada de vizinhos e transeuntes curiosos. Vinham estudantes ao seu encontro a empurrar carrinhos de mão a transbordar de livros. Cantavam um hino qualquer, mas Amanda não percebeu as palavras.

Viu a sua cliente preferida, Fräulein Hilde Krahmer, a correr na sua direção.

— Hilde! — gritou, quando ela se encontrava a poucos metros de distância, com a voz a falhar.

Julius segurou na mão da mulher e apertou-a com força, como que a suplicar-lhe que não se deixasse levar pelo medo.

A jovem, com cabelo cor de avelã curto e uma blusa branca abotoada até ao pescoço, apressou-se ao seu encontro.

— Arrombaram a porta e levaram os livros todos — gritou Hilde. *Os livros todos*. A única coisa que dava esperança a Amanda era saber que o seu livro precioso, aquele que a fez despertar dos sonhos para o ir salvar, ainda estava debaixo da almofada. Hilde falava com nervosismo, obviamente perturbada. — Pensei que, depois da grande fogueira em maio, os estudantes se acalmassem, mas, em vez disso... Em que é nos tornámos, Amanda?

Quando Amanda viu o brilho alaranjado emergir por detrás de Hilde, soube que aquele era o sinal. Uma parte da sua vida iria perecer nas chamas, juntamente com aqueles livros.

Enquanto os três se aproximavam do Jardim das Letras, viram Frau Strasser no exterior com o que parecia ser uma enxada na mão. Parecia contente por ter cumprido a sua missão.

Havia apenas alguns jovens a observar as chamas. Eram os únicos mirones; mais ninguém parecia interessado. Amanda queria gritar, mas, ao invés, fechou os olhos enquanto respirava aquele ar fumarento, visualizando o couro, o papel e a cola a succumbirem ao calor do fogo. As lágrimas deslizavam pelas faces de Hilde, e os olhos de Julius carregavam um brilho escuro de tristeza. O rosto de Amanda, contudo, estava agora congelado num sorriso estranho.

— Estão apenas a queimar papel. Os livros ainda cá estão — disse ela, levando o indicador à têmpora, toda a sua angústia captada num gesto. — Se querem mesmo que os livros desapareçam, vão ter de nos queimar a todos — declarou. — Eles acham que podem incinerar tudo o que aprendi com o meu pai? Nunca o conseguirão fazer, Hilde. A voz do meu pai estará sempre comigo...

Era incapaz de continuar.

— Ainda há alemães bons — disse Hilde, tentando consolá-la.

— Eu também sou alemã. Este é o meu país, independentemente do que digam.

— Houve um poeta¹ que previu isto há um século: «Quando queimarem livros, acabarão também por queimar pessoas». O chanceler hipnotizou toda a gente, sobretudo os jovens, que agem por impulso.

Nos seus sonhos, Amanda já vira a fogueira. As chamas chegavam às nuvens; a pilha de livros era mais alta do que qualquer edifício em Opernplatz. No mundo real, não eram mais do que cerca de 20 estudantes, encorajados pelas suas suásticas e pelo hino da juventude nacional-socialista, a vingarem-se numa boa quantidade de livros. Haveria mais, sabia ela. Aquilo era só o início.

Não havia mais nada que pudessem fazer. Ao dizer boa noite e ao abraçar Hilde, Amanda sentiu que uma longa e estreita amizade as uniria. Juntas recitariam frases dos seus autores preferidos em segredo, e, ao fazê-lo, mantê-los-iam vivos. Deu a mão a Julius enquanto subiam as escadas até ao apartamento. Tinham sobrevivido à fogueira, pelo menos desta vez, e Amanda tinha a satisfação de ter salvado pelo menos um livro das chamas. Ficaria com ela até ao dia da sua morte.

— Vamos contar os dias até ao inverno — murmurou, enquanto subiam as escadas. — Quando a nossa filha nascer.

— Mas estamos apenas em junho, minha querida — observou Julius com serenidade. — Temos um grande caminho a percorrer.

¹ Johann Heinrich Heine, em *Almansor*. Exemplares dos seus livros também se encontravam entre os queimados em Opernplatz. [N. T.]

3

Viera Sternberg nasceu numa manhã fria de janeiro de 1934. Chegou ao mundo no início de um novo ano, com os primeiros raios de Sol a esforçarem-se por atravessar as densas nuvens de Berlim, carregadas de neve e chuva gelada.

O inverno era a estação predileta de Amanda. Durante os meses em que os dias eram curtos, a tranquilidade das noites de chuva acalmava-lhe a mente inquieta. O seu refúgio era tomar conta da sua menina, que não demorou a começar a seguir Amanda com os olhos quando ouvia a sua voz.

Amanda costumava ler à bebé em francês ou latim do álbum botânico que salvara da fogueira. Viera adormecia embalada por línguas que se tornavam sons familiares.

— O teu avô adorava rosas borbonianas. Começava-se a cuidar delas em fevereiro, cobrindo-as de folhas mortas. Ele preferia rosas que suportassem temperaturas baixas, resistentes como a *Souvenir de la Malmaison* e a *Madame Pierre Oger*; tinham também espinhos mais suaves.

Enquanto lhe dava de mamar, Amanda fazia citações do álbum, por vezes improvisando comentários sobre as flores, tal como o seu pai fazia quando lhe lia na infância.

Desde aquela noite de solstício de verão, os olhos de Amanda apresentavam um aspeto permanentemente triste. Esforçava-se

por sorrir enquanto dava de mamar a uma filha que cresceria sem livros. Não conseguia evitar olhá-la com pena. *Porquê trazer uma filha a um mundo tão hostil?*, repetia para si mesma sem se sentir culpada de a filha vir a sofrer pelo seu erro e pelo ódio de outros. Nas suas horas de vigília, esperava ansiosamente pela noite, para que o tempo passasse mais depressa, mas nos seus sonhos via um futuro desolado no qual ela era apenas mais um livro destinado à fogueira. Um dia também ela morreria em agonia entre as chamas.

Agora, quando Julius chegava a casa, o primeiro beijo era para Viera. A cada noite que passava, chegava cada vez mais tarde, pois desde o nascimento da filha os pacientes quase duplicaram em número.

— A minha pequena Viera trouxe-nos boa sorte — dizia, referindo-se aos problemas cardíacos que proliferavam na capital alemã.

Esta euforia nacional-socialista encolheu os corações de muita gente, pensou Amanda.

Quando Julius se afastava dela, os lábios de Viera tremiam; ela cerrava um pouco os seus olhos escuros e começava a choramingar, com o seu corpinho inteiro a tornar-se vermelho-claro. Ele pegava nela, quase a dormir, e embalava-a ao ritmo do pulso da filha, e os seus movimentos ecoavam os batimentos daquele minúsculo coração que chegara ao mundo com a força de um tornado.

— Minha pequena Viera — sussurrou-lhe Julius, embora ela ainda não percebesse. — Sempre que tiveres medo e sentires o coração acelerado, começa a contar os batimentos. Conta-os e pensa em cada um deles, pois és a única pessoa que os pode controlar. À medida que o silêncio entre cada batimento crescer, o medo começará a desaparecer. É necessário que esses silêncios existam. — Os lamentos da bebé tornavam-se menos frequentes, e Amanda também se sentia em paz ao som da voz de Julius. — No verão alugamos uma casa em Wannsee, perto do lago — sugeriu, antes de ir para a cama.

Amanda abraçou-o com toda a força que lhe restava.

Na escuridão, Julius olhava para os traços delicados da cara da mulher, que dormia, que parecia definhar a cada dia que passava.



Nas tardes de sexta-feira, porém, apesar do frio e da chuva, Amanda desabrochava. Hilde fazia-lhe uma visita depois do meio-dia, quando terminavam as aulas na parte oriental da cidade. Se estivesse mau tempo, instalavam-se junto à janela, bebiam chás de ervas exóticas que Hilde trazia das viagens a Paris e observavam as pessoas que se apressavam à chuva. Se o dia estivesse soalheiro, deambulavam pelas avenidas a empurrar o carrinho de bebé de Viera. Já lhe crescia na cabeça uma densa trunfa de cabelo arruivado, e as primeiras sardas começavam a surgir-lhe nas faces. A bebé apreciava aqueles passeios, e os solavancos do carrinho na calçada punham-na a dormir tranquilamente. Faziam uma curta paragem junto ao café Georg's, perto da Olivaer Platz, e, sob a ténue luz âmbar dos candeeiros outrora iluminados a gás, aqueciam-se na esperança de que a primavera em breve abrisse caminho ao verão.

Se Viera ficasse ansiosa, Amanda pegava-a ao colo, embalava-a e sussurrava-lhe ao ouvido:

— Um dia vamos para a Grécia viver numa das ilhas, longe de tudo isto. O papá abre o seu consultório com vista para o mar...

— A Viera é a cara chapada do pai — comentava Hilde, o que fazia Amanda encher-se de orgulho.

Hilde não era muito maternal, mas adorava ser incluída nas fantasias da amiga. Embora a sua família vivesse no sul da Alemanha, ela viera estudar para Berlim. Quando se formou como professora primária, os pais compraram-lhe um pequeno apartamento em Mitte e ela começou a dar aulas de mitologia grega numa escola privada feminina próxima, que abominava. Tinha fascínio por literatura francesa e, embora apenas tivesse um conhecimento elementar da língua, lia as traduções alemãs que costumava encontrar no Jardim das Letras.

Por trás, parecia uma adolescente. Ia todas as semanas ao cabeleireiro para manter o cabelo cortado o suficiente para mostrar o pescoço e a linha angular do queixo. As suas grossas e densas sobrancelhas e os olhos negros contrastavam com os lábios, que apresentavam sempre uma cor carmesim clara. Quando estava emocionada ou assustada, apareciam-lhe manchas vermelhas no pescoço e no peito, como se o sangue lhe passasse pelos poros.

Sempre que tinha dias livres, viajava de comboio para Paris para se encontrar com amigas na capital da cultura e do prazer.

— A vida em Paris é mais jovial — disse a Amanda. Hilde explicou-lhe que era a ovelha negra da família porque deixara claro que nunca se casaria com ninguém, muito menos traria um filho a um mundo de que tinha vergonha. Uma vez que as suas ideias eram um opróbrio para a nova Alemanha e lhe podiam trazer problemas, a família tentou mantê-la segura ajudando-a financeiramente, para que pudesse viajar e continuar a viver na capital, onde eles, conservadores do Sul, esperavam que houvesse maior tolerância às suas ideias rebeldes. — Na próxima sexta vou a Paris encontrar-me com umas amigas. Preciso de apanhar ar fresco; esta cidade sufoca-me. Só respiro bem quando estou contigo.

Amanda imaginou Hilde e as amigas vestidas com calças largas e com cortes de cabelo modernos, perfumadas com essências de ervas e de madeira, enquanto deambulavam pelas ruas estreitas que davam para o Sena, a visitar livrarias em Le Marais ou a procurar uma edição perdida de um clássico em alfarrabistas.

Nas sextas-feiras em que regressavam a casa antes do pôr do Sol, Hilde ajudava-a a fazer o jantar para Julius e a adornecer Viera, e acendiam duas velinhas na sala de jantar orlada de estantes vazias.



Certo dia, depois da sua viagem a Paris, Hilde apareceu com mãos-cheias de chocolates suíços e sacos de chás aromáticos.

— Tens de convencer o Julius a mudarem-se para Paris — disse. — Se visses as ruas em Le Marais... Lá serias livre; podias até conseguir voltar a abrir uma livraria. No entanto, às vezes interrogo-me se devia continuar a lá ir. Eles não gostam de alemães. Dizem todos que a atitude bélica da Alemanha pode dar azo a um outro conflito como o de 1914. Deus nos ajude... — Amanda estava confusa pela insistência da amiga em que deviam fazer as malas e abandonar a cidade que sempre considerara sua. Porém, sentia que era inevitável. — Montes de famílias como a vossa mudaram-se daqui para Le Marais. Ambos falam francês, portanto, de que mais precisam?

Sim, andavam todos a fugir, e, de acordo com os jornais, as histórias daqueles que partiam eram cada vez mais sórdidas. Amanda decidira evitar ouvir as calúnias que passavam na rádio e na imprensa. Repetiam vezes sem conta que os emigrantes tinham roubado as fortunas de família e abandonado os seus idosos em apartamentos degradados sem eletricidade ou água quente; que deixavam os filhos, com uma estrela de David ao pescoço, às portas de igrejas.

— Este verão vamos ao lago — retorquiu Amanda tranquilamente, de modo a acabar com qualquer ideia de exílio. O marido ainda não estava pronto para isso. Mas ela sim.

NO AUGE DO NAZISMO, UMA MÃE É FORÇADA A FAZER UMA ESCOLHA IMPOSSÍVEL

Em 1939, Amanda Stenberg e o seu marido, Julius, veem os seus sonhos destruídos quando os nazis atacam Berlim, levando Julius para um campo de concentração. Desesperado para salvar as filhas, Viera e Lina, Julius ainda consegue garantir um lugar para ambas num navio de refugiados com rumo a Cuba. No último instante, porém, Amanda decide embarcar apenas a filha mais velha, Viera: uma decisão que a assombrará para o resto da vida.

Amanda foge com Lina para o sul de França, mas a sua liberdade é interrompida pela chegada das forças nazis. Ambas acabam por ser levadas para um campo de trabalho forçado, onde Amanda se vê obrigada a fazer um sacrifício sobre-humano para salvar a filha mais nova.

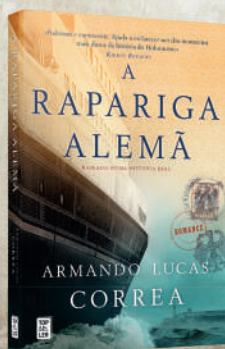
SETE DÉCADAS DEPOIS, UM PASSADO DOLOROSO É DESENTERRADO

Em 2015, Elise Duval, uma francesa de 80 anos que chegou a Nova Iorque depois da Segunda Guerra Mundial, recebe um telefonema de uma mulher que deseja entregar-lhe cartas de um tempo e de um país que ela se forçou a esquecer. É então que 70 anos de terríveis segredos começam a ser desvendados.

«Um relato emocionante
e rico em detalhes de vidas
destruídas pela guerra.»

Booklist

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-549-2



9 789896 685492

Romance Histórico